

# Arqueologia & História

volume nº 60-61 | 2008-2009

Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses



*Materials para  
um Livro Branco  
da Arqueologia  
Portuguesa*



# Fragmento de estela epigrafada, da I Idade do Ferro do Sudoeste Peninsular, procedente de Sabóia (Odemira, Beja, Portugal)

*Mário Varela Gomes*<sup>1</sup>

## **Abstract**

A fragment of an Iberian Southwestern 1st Iron Age epigraphic stele found near Sabóia is presented. It shows fourteen letters, probably corresponding to three words. The translation, according to Greek archaic writing phonetic parallels, says: “Kunaga, wife of Eurémeon”

<sup>1</sup> Docente do Departamento de História da F. C. S. H. da Universidade Nova de Lisboa (Av. de Berna, 26 – C; 1069-061 Lisboa). Membro da Academia Portuguesa da História e da Academia Nacional de Belas – Artes.

## 1. Proveniência

Foi-nos facultado para estudo, pelo Dr. José Pereira Malveiro, activo defensor e divulgador do património do Baixo Alentejo e autor de interessante monografia sobre Garvão (Malveiro, 2003),

fragmento de estela epigrafada, na denominada escrita do Sudoeste Peninsular, atribuída à I Idade do Ferro (séculos VIII-VI a.C.).

Aquele importante testemunho arqueológico foi adquirido ao Sr. Henrique, ferro-velho de

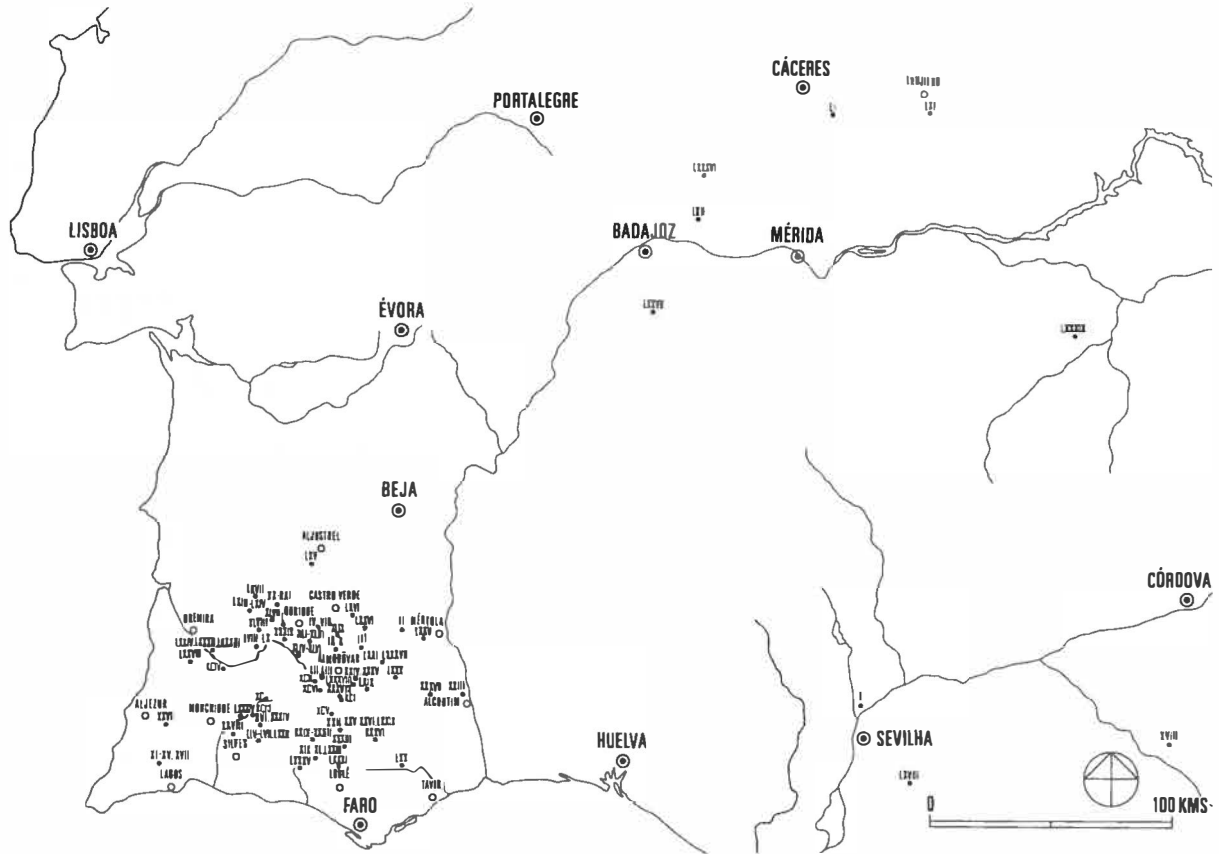


Fig. 1 Localização aproximada do sítio de origem da estela de Sabóia e das restantes estelas egigrafadas da I Idade do Ferro do Sudoeste Peninsular.

I – Alcalá del Rio (Sevilha); II – Góias (Beja); III – Vale de Ourique (Beja); IV – Ourique I (Beja); V – Ourique II (Beja); VI – Ourique III (Beja); VII – Ourique IV (Beja); VIII – Ourique V (Beja); IX – Guedelhas I (Beja); X – Guedelhas II (Beja); XI – Fonte Velha I (Faro); XII – Fonte Velha II (Faro); XIII – Fonte Velha III (Faro); XIV – Fonte Velha IV (Faro); XV – Fonte Velha V (Faro); XVI – Cômoros da Portela I (Faro); XVII – Fonte Velha VI (Faro); XVIII – Puente Genil (Córdoba); XIX – Alagoas I (Faro); XX – Cerro dos Enforcados I (Beja); XXI – Cerro dos Enforcados II (Beja); XXII – Vale dos Vermelhos I (Faro); XXIII – Alcoutim (Faro); XXIV – Tavilhão I (Faro); XXV – Vale dos Vermelhos II (Faro); XXVI – Vale dos Vermelhos III (Faro); XXVII – Corte de Père Jacques (Faro); XXVIII – Dobra (Faro); XXIX – Ameixial I (Faro); XXX – Ameixial II (Faro); XXXI – Ameixial III (Faro); XXXII – Ameixial IV (Faro); XXXIII – Azinhal dos Mouros (Faro); XXXIV – Cômoros da Portela II (Faro); XXXV – Tavilhão II (Faro); XXXVI – Portela (Faro); XXXVII – Mestras (Faro); XXXVIII – Corte do Freixo I (Beja); XXXIX – Bastos (Beja); XL – Alagoas II (Faro); XLI – Mealha Nova I (Beja); XLII – Mealha Nova II (Beja); XLIII – Mealha Nova III (Beja); XLIV – Pêgo I (Beja); XLV – Pêgo II (Beja); XLVI – Pêgo III (Beja); XLVII – Penedo (Beja); XLVIII – Carapetal (Beja); XLIX – Azinhal (Beja); L – Nobres (Beja); LI – Cañamero (Cáceres); LII – Abóbada I (Beja); LIII – Abóbada II (Beja); LIV – Benaciate I (Faro); LV – Benaciate II (Faro); LVI – Benaciate III (Faro); LVII – Benaciate IV (Faro); LVIII – Fonte Santa I (Beja); LIX – Fonte Santa II (Beja); LX – Fonte Santa III (Beja); LXI – Almoróqui (Cáceres); LXII – Siruela (Badajoz); LXIII – Biscoitinhos I (Beja); LXIV – Biscoitinhos II (Beja); LXV – Gavião (Beja); LXVI – Monte Novo do Visconde (Beja); LXVII – Arzil (Beja); LXVIII – Villamanrique (Sevilha); LXIX – Cerca do Curralão (Beja); LXX – Fuzeta (Faro); LXXI – Corte Azinheira I (Beja); LXXII – Benaciate V (Faro); LXXIII – Alagoas III (Faro); LXXIV – Pardieiro I (Beja); LXXV – Mértola (Beja); LXXVI – Neves (Beja); LXXVII – Capote (Badajoz); LXXVIII – Alcoforado (Beja); LXXIX – Vale dos Vermelhos IV (Faro); LXXX – Canafexal (Beja); LXXXI – Viameiro (Faro); LXXXII – Pardieiro II (Beja); LXXXIII – Pardieiro III (Beja); LXXXIV – Passadeiras (Faro); LXXXV – Barradas (Faro); LXXXVI – Medellin (Cáceres); LXXXVII – Corte Azinheira II (Beja); LXXXVIII – Monte Novo do Castelinho (Beja); LXXXIX – Cabeza del Buey (Badajoz); XC – São Martinho (Faro); XCI – Corte do Freixo II (Beja); XCII – Mesa dos Castelinhos (Beja); XCIII – Vale de Águia (Faro); XCIV – Sabóia (Beja); XCV – Corte Pinheiro (Faro); XCVI – Monte Gordo (Beja).

Corte Malhão, em 2003, que assegurou proceder o mesmo da zona de Sabóia, no concelho de Odemira, onde aliás se conhecem outras epígrafes contemporâneas e foi escavada necrópole, no sítio do Pardieiro, que entregou algumas estelas contendo o mesmo tipo de escrita (Beirão e Gomes, 1988; Beirão, 1990) (Fig. 1).

Também, a primeira estela sidérica da necrópole do Pardieiro foi igualmente recolhida pelo Dr. José Pereira Malveiro, tendo feito parte do acervo arqueológico da Associação Cultural e de Defesa do Património de Garvão, pertencendo hoje à colecção do Museu Regional Rainha D. Leonor, de Beja, embora depositada no Museu da Escrita do Sudoeste, recentemente inaugurado em Almodôvar.

## 2. O monumento

Conforme acima mencionámos, trata-se de porção com contorno trapezoidal, contendo parte do volume distal e mesial de monólito, com forma estelar, talhado em xisto, de cor cinzenta escura, embora as superfícies expostas mostrem cor cinzenta clara. Subsiste apenas parte original do bordo situado do lado direito, mostrando no restante perímetro numerosas fracturas, que muito afectaram a sua forma e dimensões originais, amputando grande

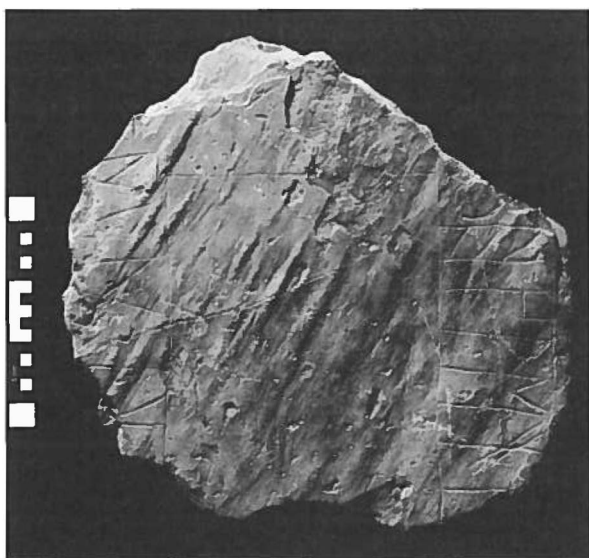


Fig. 2 Estela de Sabóia (foto M. V. Gomes, R I/08-6).

parte do texto epigrafado que continha (Fig. 2).

O anverso, ou seja a superfície que serviu de suporte à inscrição, oferece forma plana, obtida naturalmente a partir de linha de fractura, e pátina, devido à sua exposição aos agentes meteóricos, o mesmo acontecendo com a porção conservada do bordo primitivo.

O volume proximal, totalmente desaparecido, era anepígrafo e destinava-se a fixar o monólito ao solo.

Mede 0,412 m de altura, 0,404 m de largura e 0,035 m de espessura máxima, sendo possível que a sua altura, quando inteira, atingisse quase o dobro da que actualmente se observa.

## 3. A epígrafe

Foi gravada no anverso da estela, nas superfícies mesial e distal, utilizando-se, como esboço, linhas filiformes, depois alargadas e aprofundadas através de abrasão. Todavia, duas letras mostram finos picotados, em um dos casos para melhor definir linha semicircular, difícil de obter por abrasão (Fig. 3).

O texto, desenvolvendo-se no sentido dextrorso, foi integrado em cartela, com forma de pórtico, ou seja com um tramo ascendente, situado no lado esquerdo do leitor, um segundo horizontal, no topo, e o terceiro, descendente e à direita do observador.



Fig. 3 Estela de Sabóia (lev. M. V. Gomes).

No interior do espaço envolvido pela cartela detectaram-se algumas incisões filiformes, de carácter parasita.

A cartela foi figurada com técnica idêntica à das letras e mede 0,088 m de largura média, embora apenas se conserve em sector do último tramo acima indicado, dado que nos dois outros a sua linha exterior desapareceu totalmente, devido às profundas fracturas ali existentes e já referidas.

Identificaram-se sete letras completas, cinco quase completas e duas ainda reconhecíveis, ou seja, um total de catorze letras, das cerca de duas dezenas que possuiria a inscrição.

O texto encontra-se interrompido em duas zonas, ambas do seu tramo horizontal e onde as letras estão invertidas, apesar de continuarem a constituir texto dextrorso (Fig. 6).

Não existe a certeza absoluta se a epígrafe foi iniciada com a primeira letra que actualmente se detecta, ou se termina com a última letra que ali se observa, podendo, neste sector, ser originalmente algo mais extensa.

As letras maiores medem 0,088 m de altura e as menores, o *ómicron*, apenas 0,032 m. Todas elas oferecem formas bem conhecidas na escrita do Sudoeste Peninsular e, designadamente, no alfabeto de Espanca. Como característica mais evidente, observam-se os *alfas* com a barra muito oblíqua, tocando o extremo de uma das hastes, um *heta* com três barras oblíquas e um *épsilon*, contendo duas barras também oblíquas.

As letras da epígrafe em apreço oferecem morfologia semelhante às utilizadas na inscrição de Vale de Águia (São Bartolomeu de Messines, Silves)



Fig. 4 Porção inicial do texto da estela de Sabóia (foto M. V. Gomes, R I/08-8).

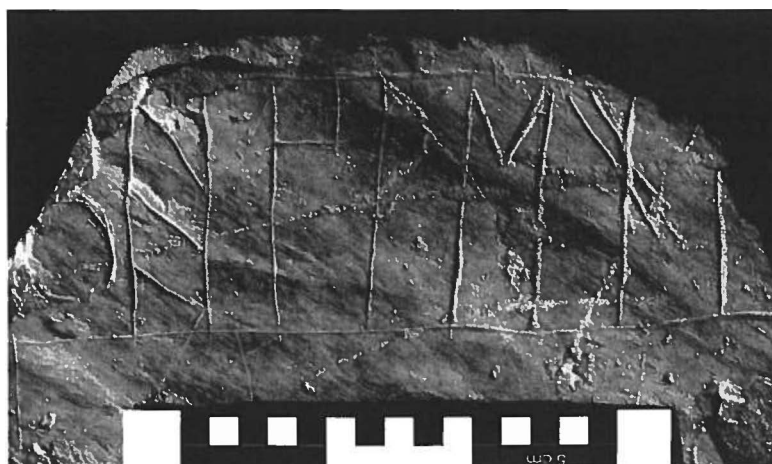


Fig. 5 Porção terminal do texto da estela de Sabóia (foto M. V. Gomes, R I/08-7).

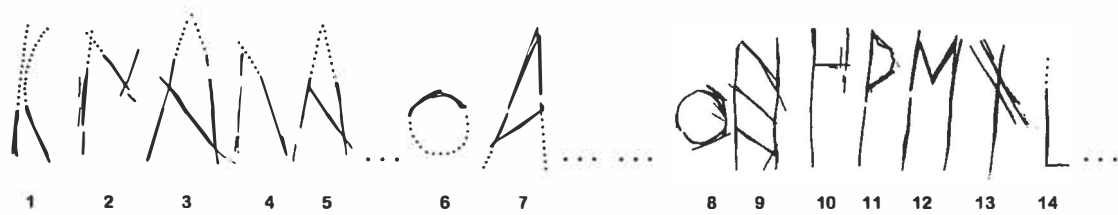


Fig. 6 Texto da estela de Sabóia (seg. M. V. Gomes).

(Gomes e Cabrita, 2006-07).

A primeira letra corresponde a *kapa*, constituído por haste vertical e linha curva, muito aberta e separada daquela. Também nos exemplares mais antigos de tais signos, das escritas gregas arcaicas, as barras oblíquas não se ligam ao traço vertical (Jeffery, 1961, p. 30). O seu valor fonético é o do *k* ou do *c* latinos.

A segunda letra identifica-se com *nu*. O seu valor fonético é o do *n* latino.

As terceira, quinta e sétima letras são *alfas*, com duas hastes dispostas em forma de V invertido e barra bem oblíqua, mais alta do lado esquerdo em dois dos exemplares e quase tocando a extremidade inferior da haste direita. O valor fonético é o do *a* latino.

A quarta letra é um *gama*, em forma de V invertido ou de ângulo agudo. Esta forma foi usada na Ática, entre os séculos VIII e V a.C. (Jeffery, 1961, p. 23). O seu valor fonético é o do *g* latino.

A sexta e oitava letras representam *ómicrons*, de médias dimensões, possuindo o valor fonético do *o* latino.

A nona letra é a vogal aspirada *heta*, com forma próxima daquela que surge no alfabeto arcaico de Tera, na escrita ática antiga e em outros alfabetos de diversos lugares da Grécia Central, como do Peloponeso, até ao século VI a.C. (Jeffery, 1961, p. 28). O seu valor fonético pode ser *e*, *i*, *he* ou de *e* longo, mas também de *e* aspirado ou apenas de *h*, indicando também aspiração (Ghinatti, 1999, p. 65).

A décima letra é um *upsilon*, com aspecto idêntico ao que surge nas escritas gregas arcaicas e valor fonético do *u* latino (Jeffery, 1961, p. 35).

A décima primeira letra corresponde a *rho*, com a parte superior semicircular, embora em algumas epígrafes contemporâneas tenha forma triangular,

talvez devido à dificuldade de se gravar um semicírculo. O seu valor fonético é o do *r* latino.

A décima segunda letra é um *mu*, com o valor fonético do *m* latino.

A décima terceira letra corresponde a *épsilon*, oferecendo duas barras oblíquas, com o valor fonético do *e* latino ou do ditongo *ei*, conforme acontecia em Corinto, mas também da vogal aspirada *he* (Jeffery, 1961, p. 24).

A décima quarta letra encontra-se denunciada apenas por parte de traço vertical e de outro horizontal, pelo que deve corresponder a "ómicron quadrado", signo conhecido na estela de Barradas (Gomes, 1996) e em outras da escrita do Sudoeste Peninsular, com paralelos no lemnio e no jónico (Della Seta, 1937, p. 121).

#### 4. Comentário

A morfologia do suporte, das letras e a disposição destas indicam que o monólito em apreço corresponde a estela funerária, da Idade do Ferro, com abundantes paralelos no Baixo Alentejo e no Algarve e, mais raros, na Estremadura Castelhana ou na Andaluzia Ocidental.

De facto, a disposição do texto em forma de pórtico, é uma das mais recorrentes daqueles monumentos, podendo mesmo registar simbologia de carácter escatológico, ligada portanto à morte, através do conceito grego de *mundus*, que aquela forma representaria, aludindo à passagem da alma para dimensão transcendente.

A transcrição dos sectores conservados da epígrafe é a apresentada a seguir, a partir dos valores fonéticos dos alfabetos gregos arcaicos e minorasiáticos, dos séculos VIII a VI a.C.

O texto é o seguinte:

KNAGA?OA... O EURMEO?

A sua reconstituição será:

K(o/u)NAGA... OA[RE]NJO EUR(e)MEO[N]

Segundo julgamos, encontramos-nos perante epígrafe, correspondendo a fórmula funerária, constituída por três palavras, embora não correspondam aos *tria nomina*, conforme acontece com outras inscrições do mesmo período e conviria à função do monumento.

A primeira palavra constitui antropónimo. A nossa leitura *Konaga/Kunaga* é muito semelhante a *Kónagos*, antropónimo registado, no século II a. C., na Tessália (Fraser e Matthews, 2000, p. 243) e a *Kúnagos*, surgido na Lacónia, no século VI a.C. (Fraser e Matthews, 1997, p. 261).

A segunda, *Oareno*, também se identifica na estela de Vale de Ourique (III) (*Oaren*), pelo que foi possível proceder à sua restituição na inscrição em estudo.

É semelhante àquela, *lareno/lareni/Uareni*, presente em cinco epígrafes do Sudoeste (Cerro dos Enforcados I e II, Ameixial II, III e talvez IV). *Oareno* e *lareno* podem relacionar-se com *oaros*, que em grego designa esposa, tendo-se registado na Ásia Menor o teónimo *Oreai (Mater Oreia)* (Robert, 1963, p. 84).

A última palavra, outro antropónimo, designa, em grego, eloquente (*eurémon*) e foi igualmente reconhecida na estela de Fonte Velha de Bensafrim I, hoje no Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa. Ela encontra paralelo em *Eurémon*, de inscrição procedente de Salamina, em Chipre, datada no século II a. C. (Fraser e Mathews, 1987, p. 183), como em epígrafe, de meados do século III a.C., da Beócia (Fraser e Matthews, 2000, p. 164) ou em outras de Epidauro, na Argólida, datada no século IV a.C., e da Arcádia, com cronologia do século II a. C. (Fraser e Matthews, 1997, p. 173). Segundo P. Chantraine (1999, p. 388), o prefixo *eu*, muito usado na formação de nomes, desde o micénico, exprime abundância.

Em cupa funerária de Mértola, do século II, regista-se um *Aemilius Eurémon*. Este nome não é conhecido no mundo romano, pelo que a sua presença foi explicada a partir da possível origem gre-

ga daquele (Encarnação, 1984, p. 177), mas que podemos agora fazer ascender à Proto-História local.

A tradução da lápide, de Sabóia, será: "Kunaga, esposa de Eurémeon."

### Bibliografia

- BEIRÃO, C. de M. (1990) – Epigrafia da I Idade do Ferro do Sudoeste da Península Ibérica. Novos dados arqueológicos, *Estudos Orientais*, vol. I, pp. 107-118.
- BEIRÃO, C. M.; GOMES, M. V. (1988) – A estela epigrafada do Pardieiro. S. Martinho das Amoreiras (Odemira, Beja), *Veleia*, vol. 5, pp. 115-123.
- CHANTRAINE, P. (1999) – *Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque, Histoire des Noms*, Klincksieck, Paris.
- DELLA SETA, A. (1937) – Iscrizioni Tirreniche di Lemno, *Scritti in Onore de Bartolomeo Nogara*, pp. 119-146, Città del Vaticano, Roma.
- ENCARNAÇÃO, J. d' (1984) – *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra, Coimbra.
- FRASER, P. M.; MATTHEWS, E. (1987) – *A Lexicon of Greek Personal Names*. vol. I, *The Aegean Islands, Cyprus, Cyrenaica*, The British Academy Press, Oxford.
- FRASER, P. M.; MATTHEWS, E. (2000) – *A Lexicon of Greek Personal Names*. vol. III.B, *Central Greece: From the Megarid to Thessaly*, The British Academy Press, Oxford.
- GHINATTI, F. (1999) – *Alfabeti Greci, Problemi e Prospettive del Mondo Antico*, G. B. Paravia, Torino.
- GOMES, M. V. (1996) – Estela epigrafada e necrópole, da I Idade do Ferro, de Barradas, Benafim (Loulé), *al-Ulyā*, nº 5, pp. 9-22.
- GOMES, M. V.; CABRITA, L. M. (2006-07) – Inscrição, na escrita do Sudoeste, do Vale de Águia. São Bartolomeu de Messines, Silves, *Arqueologia & História*, vols 58, 59, pp. 79-82.
- JEFFERY, L. H. (1961) – *The Local Scripts of Archaic Greece. A Study of the Origin of the Greek Alphabet and its Development from the Eighth to the Fifth Centuries B.C.*, Oxford Monographs on Classical Archaeology, Oxford University Press, Oxford.
- MALVEIRO, J. P. (2003) – *Garvão. Herança Histórica*, Edição do Autor, Garvão.
- ROBERT, L. (1963) – *Noms Indigènes dans l'Asie-Mineure Gréco-Romaine*, Bibliothèque Archeologique et Historique de l'Institut Français d'Archéologie d'Istanbul, Paris.

O presente texto encontrava-se no prelo quando o nosso aluno, Dr. José Daniel Malveiro, teve conhecimento de que a estela agora estudada foi recolhida pelo Sr. Gualdino, primo do Sr. Henrique acima referido, perto da povoação de Viradouro, em local denominado Cerro dos Mouros (*Carta Militar de Portugal*, nº 570), onde parece existir necrópole, talvez contemporânea daquele monólito.



# Arqueologia & História